

CEDI - P. I. B.
DATA 29 09.86
CO 6020

ACULTURAÇÃO RELIGIOSA DOS BOROROS DE MERÚRI, MATO GROSSO.

(*) DR. JOSÉ VICENTE CÉSAR, SVD.

(*) Padre José Vicente César, membro-pleno do Instituto Anthropos, depois de ter estudado 4 anos nas universidades brasileiras, esteve 5 anos na Suíça onde, em 1965, terminou o doutorado de Etnologia, Filologia Hindu e Ciências das Religiões. Defendeu tese em alemão "Urnenbestattung bei den Tupi-Guarani" (Enterros em Urnas dos Tupi-Guaranis), livro atualmente esgotado, do qual saíram resumos na Revista de Antropologia (São Paulo, 1966) e na Editora Vozes (Petrópolis, 1972). Padre César é fundador do Anthropos do Brasil e presidente do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), ambos da Igreja Católica.

ACULTURAÇÃO RELIGIOSA DOS BOROROS DE MERÚRI, MATO GROSSO.

DR. JOSÉ VICENTE CÉSAR, SVD.

INTRODUÇÃO

Nos séculos passados constituíam os Bororos uma comunidade cultural com mais de 5.000 (cinco mil) índios, ocupando vastos territórios dos atuais Estados de Mato Grosso e Goiás, sobretudo na bacia do Rio São Lourenço, Pogubo em língua bororo, e seu tributário da margem esquerda o Poxoréu, 'Potchoréu', a leste de Cuiabá. Por volta de 1742 e 1944 chegaram até Minas Gerais, estabelecendo-se junto ao Rio das Pedras, afluente do Araguari, região que, ainda no século 19, contava algumas aldeias indígenas, hoje inteiramente extintas (César 1968:66). Dados fornecidos pelos salesianos, em 1907, calculavam todos os Bororos em 3.000 (três mil) pessoas (Viertler 1976:20).

Neste ano de 1976, metade dos 500 (quinhentos) bororos que sobreviveram aos contactos com nossa civilização, se acham agrupados em torno da Missão Salesiana de Merúri, à altura do Km 120 da Rodovia Federal Br — 070, ligando Barra do Garças a Cuiabá, capital do Mato Grosso: 15 graus e 43 minutos ao sul e 52 graus e 41 minutos a oeste de Greenwich. As restantes duas e meia centenas de Bororos, sob cuidados da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), mourejam nos arredores das cidades de Rondonópolis e Poxoréu. As estatísticas supracitadas, clamam alto do rápido e quase inexorável extermínio da Nação Bororo.

A aldeia de Merúri, iniciada na localidade dos Tachos em 1902, antiga Colônia do Sagra-

do Coração, aproximadamente 9 Km a leste da atual sede, caiu para apenas 190 indivíduos na década de 1960. Agora, controladas as incidências de tuberculose e afastado o abuso das bebidas alcoólicas, surge nova esperança de rejuvenescimento da tribo e restauração de sua opulenta cultura. Após o lamentável acontecimento da manhã de 15 de julho de 1976, quando tombaram baleados em plena aldeia o bororo Simão Cristino, o superior da missão, P. Rodolfo Lunkenbein, e o menor Aloísio Bispo, procedeu-se sem demora à demarcação da Reserva Indígena de Merúri com 85 mil hectares, atingindo inclusive 10 Km da margem esquerda do Rio das Garças. Este fator fluvial de grandes águas, justa aspiração dos Bororos por mim reivindicada — e que custou a vida ao Padre Rodolfo, é de suma importância na conservação e desenvolvimento harmonioso desses índios, exímios pescadores, cuja cultura espiritual aparece freqüentemente ligada a seres misteriosos das correntes.

Mercê de persistentes pesquisas etnográficas dos missionários salesianos são hoje os Bororos das culturas autóctones brasileiras melhor conhecidas no mundo científico. O presente ensaio não visa propriamente discutir e aprofundar as informações colhidas neste último meio século, senão que suscitar perguntas e levantar questões sobre a situação hodierna da aculturação religiosa do grupo bororo de Merúri, Mt., em adiantada fase de evangelização cristã ou, mais precisamente, católica. Até

meados da atual centúria viam-se aqueles indígenas constrangidos, tanto pelo Governo como pela Igreja, a renunciar a muitas de suas práticas religiosas, pelo menos dentro da aldeia ou no seu âmbito, pátio, denominado bororo em sua língua. Atualmente gozam da mais ampla liberdade neste terreno, além do estímulo do missionário no sentido de conservarem suas sadias tradições tribais, máxime no que tange a cultura espiritual.

Sobre o problema aculturativo dos Bororos em geral, pode-se consultar uma boa dúzia de trabalhos, a começar com a expedição de Langsdorff em 1827, merecendo realce os ligeiros informes de Rodolfo Waehnelde a respeito de uma aldeia de 140 bororos à margem esquerda do Paraguai, onde conflui o rio Jauru. Vêm aí descritos os costumes funerários do grupo ocidental do rio Cabaçal ou, mais ao sul, do da Campanha: enterravam os ossos de seus falecidos em grandes vasos de barro cozido, o que ultimamente foi substituído por cestas ou bolsas trançadas (Waehnelde 1864:214). A bibliografia principal virá apenas no final deste ensaio.

A partir de 1970 venho visitando regularmente a aldeia bororo de Merúri, embora de passagens bastante rápidas às vezes. Além de muitas outras cerimônias e danças, tive oportunidade de assistir aos tradicionais ritos de enterramento primário do cadáver de uma velhinha (7-2-1975), como também ao da emplumação dos ossos exumados e levados que, colocados em uma cesta, são sepultados de vez nas águas de um rio ou lagoa (13-8-70) — espécie de enterro secundário. Nestes últimos cinco anos as transformações em Merúri revelam-se notáveis a começar pela atitude dos agentes culturais, os salesianos, que, melhor preparados antropológica e pastoralmente, incentivam os nativos a manter e cultivar suas legítimas tradições tribais, esforçando-se por levá-los de maneira progressiva e harmoniosa aos benefícios da sociedade nacional envolvente, sem perda de seus elementos culturais. Isto em plena consonância com o Estatuto do Índio cujo fim primordial é a preservação das culturas indígenas, atingível através de um processo integratório progressivo e harmonioso. Mas, face ao extraordinário e profundo traço que a cultura espiritual bororo representa em sua vivência tribal, não se vê claramente, como o cristianismo da Igreja Católica conseguirá impregnar aquele povo sem alterar-lhe essencialmente os elementos básicos de sua vida comunitária. Máxime a moral cristã exhibe certas exigências nem sempre ao alcance da mentali-

dade dos primitivos filhos da selva. Donde surge naturalmente o magno questionamento até que ponto, em que profundidade “se converteram os bororos” e se acham convencidos dos dogmas católicos — e os vivem.

Deprimente é a descrição do grupo bororo de Teresa Cristina, hoje Galdino Pimentel, fornecida por Karl von den Steinem, em março de 1888 (trad. de Basílio de Magalhães e transcrição de Egon Schaden 1940:585-587): triste espetáculo de uma farsa religiosa imposta a índios de profunda cultura espiritual. Será que, no presente, se está procedendo de maneira melhor? — O contínuo desaparecimento das culturas indígenas, também nos últimos decênios, nada obstante tantos serviços de proteção e assistência, dificilmente absolverá nossa geração dos erros que freqüentemente incriminamos aos nossos antepassados. Eles, em todo o caso, não dispunham de tanta antropologia como se vangloria nossa época.

ALGUMAS QUESTÕES

Em Merúri, consta, os missionários de sua parte e de acordo com orientação recebida de funcionários do Serviço de Proteção aos Índios (S.P.I.) dos postos indígenas, dificultavam a realização de algumas danças e rituais bororos no âmbito ou nas proximidades da aldeia, com propósito de dismantelar a coesão tribal, julgando assim, facilitar e apressar o processo civilizatório, ou seja a integração do Índio à Sociedade Nacional envolvente. Esta, porém, não se deu, porquanto os nativos preferiam a extinção de sua raça a ter de viver sob outros padrões culturais. Alcoolismo, enfermidades, tuberculose, abortos provocados, infanticídios imposto pelo bárrio ou médio-sacerdote, limitação da prole, desinteresse pelo trabalho e pelas alegrias da vida, conduziam os Bororos a um rápido e implacável auto-extermínio. Na década de 60 não enumeravam, sequer, duas minguadas centenas de indivíduos. O regime de trabalho perdurado e organizado em ritmo de produção econômica, tão avesso à índole despreocupada do silvícola, as vestes pesadas, a nova língua, a escola e a religião, trazidas pelo homem civilizado, desintegraram rapidamente a cultura tribal (Saake 1953:49).

Como conciliar, por exemplo, a presença do missionário, sobretudo do sacerdote católico com o bárrio — Este funciona também, como um verdadeiro padre e médico que, com o capitão ou cacique, velam pela conservação das sãs tradições e costumes da nação. Atualmente os salesianos procuram favorecer o papel do

bári e do chefe, mas se torna praticamente impossível retroceder aos tempos de antanho. Os jovens, como observou padre Saake (1953:51), não se interessam mais pelas tradições, nem querem tomar parte nas danças e rituais. Algumas moças vestem-se e pintam-se exclusivamente à maneira dos civilizados, não escondendo suas íntimas aspirações de abandonar a aldeia e procurar casamento e nova vida fora. Com a devida vênia e discreção, passo a transcrever tópicos de uma carta a mim enviada, março de 1976, por uma jovem bororo de Merúri, menina de seus 15 para 16 anos, parece sem oportunidade de casamento dentro da tribo. — “Olha!! P. César por especial favor será que o Sr. não poderia me ajudar? Eu queria passar estes 2 ou 3 meses aí em Brasília... — Pois aqui eu não me sinto pessoa e nem me sinto alegre infelizmente não: Me parece que estou sendo a causa das dores de cabeças dos outros, tenho muitas contrariedade, comigo. Já não aguento mais, por isso eu peço este teu favor antes que algo mais aconteça. — Amigo eu acho que sou de uma geração autêntica, quase que não me sinto aquele índio dos ancs atrás tenho outros ideais de gente que raciocina. — P. César eu quero ir para lá o quanto antes possível, se esta opinião lhe for agradável e se tu me ajudar eu sou muitíssimo grata, se o Sr. escrevendo ao P. Diretor a respeito disso não diga que eu lhe havia escrito sim? Mas diga que o Sr. mesmo que quis, e fale para o Diretor falar para mim, acaso isto lhes fôres favoráveis, O KY!! — Mas se eu não for para Brasília de qualquer forma irei ir embora daqui do Merúri... Aqui em Merúri nada de novidades. Voltando à minha pessoa pela carta o Sr. já sabe o que eu quero e o que eu espero e também compreende o meu estado. Desculpe pela caligrafia e pelos alguns erros de Português. — Ah! mais uma coisa, se eu for para lá eu desejaria passear nos postos indígenas... Amigo o Sr. vai pensar que isto tudo é minha ilusão mais nada disso, um dia irei realizar tudo isto se Deus quiser. Terminando mando-lhe as minhas saudações e a da minha mãe, por mais uma vez desculpe-me se a carta foi longa.

A paz de Cristo. M.A.”

* * *

Dispensam-se comentários, a carta fala por si mesma e reflete a situação da aldeia de Merúri: a nova geração, educada sob os benefícios da energia elétrica, do rádio, das estra-

das, de automotores, etc. pouca ou nenhuma atenção empresta aos costumes e tradições da tribo. E sabemos que a população cresce esperançosamente, graças ao notável número de crianças existentes na aldeia. Embora louvável o esforço dos missionários em proporcionar aos Bororos condições de desenvolvimento e bem-estar social, pode-se estar inconscientemente preparando o colapso desse povo como representação cultural. Alguma coisa, todavia, tem que ser feita, o processo aculturativo não pode esperar até que as soluções ideais e científicas sejam devidamente preparadas nos gabinetes e laboratórios. Aí só resta confiar no bom-senso dos agentes aculturativos e que estejam pelo menos antropológicamente capacitados da delicada missão que lhes compete.

E que dizer do cristianismo dos Bororos? Que entendem do Evangelho? É verdade que não se vêem mais (como outrora) levados pelas circunstâncias, quase que de maneira compulsória, a abraçar práticas do catolicismo, ninguém os constrange a receber o batismo ou a ir à igreja da missão. Mesmo assim, fica de pé o magno questionamento: a só e simples presença do padre, do missionário, do cientista, do funcionário, do antropólogo, enfim do branco ou da outra civilização tecnologicamente mais desenvolvida constitui fator de desintegração do grupo tribal.

Nas funções litúrgicas os padres salesianos têm procurado impregnar as funções católicas de elementos da cultura indígena, como paramentos, vestes, estolas, simplicidade, missas nas choupanas, cantos e danças bororos, etc., mas, no fundo, paira a dúvida de sempre: será que os índios aceitam a substituição? Como a interpretam? — De minha parte, como sacerdote, tento convencer os Bororos de que não precisam abandonar suas concepções religiosas para abraçar o cristianismo. O que este lhes traz como grande novidade é a doutrina de que Deus é pai universal e, portanto, todos os homens devem sentir e tratar-se como irmãos. Também insisto que devem cuidar dos velhos e enfermos e que, à medida do possível, sem traumas nem choques, vão abandonando a prática do infanticídio. Sobretudo são convidados a conviver pacificamente com seus tradicionais inimigos xavantes.

Cotejando certas praxes e ritos conforme descrição de autores mais antigos e dos mais recentes, notam-se algumas mudanças e, até, abandono de certos elementos culturais. É o caso, v.g., da cerâmica. Em Merúri conservam ainda os bororos uma bacia antiga de bar-

ro cozido, usada somente em grande solenidades como foi o caso da missa de Natal de 1974, quando lá celebrou o Sr. Núncio Apostólico D. Carmine Rocco. Ao fim da missa, após a comunhão eucarística católica, foram servidos bolinhos de arroz e bebida alcoólica no referido vaso de cerâmica, o que certamente deverá ter agradado imenso aos índios, em vendo como a Igreja estima seus costumes de demonstrar fraternidade. Outro tanto se diga do esforço catequético dos missionários em introduzir os solenes cantos fúnebres ou de vitória nos atos da semana santa, bem como das cerimônias da incorporação do menino Jesus à tribo bororo, tudo de acordo com os costumes nativos. — Parece que grande parte da tribo de Merúri, principalmente os mais chegados aos padres e às freiras, abraçam o cristianismo com certa convicção e sinceridade. Muito se es-

pera a capacidade dos missionários, no sentido de transmitirem a seus protegidos o Evangelho em seus elementos essenciais, sem as conotações culturais do mundo ocidental, a fim de que os Bororos se tornem cristãos sem deixarem de ser índios, autênticos representantes de sua cultura,

Como há especialistas credenciados no assunto, com Egon Schaden (1965:29) prefiro aguardar os seguintes volumes da Enciclopédia Bororo, principalmente o 4º tomo onde, ex-professo, se tratará dos fenômenos aculturativos. Outro tema a merecer atenção dos especialistas, seria o de precisar até onde e como a presença de xavantes vizinhos das reservas de Sangradouro e, principalmente, São Marcos têm influenciado na conduta religiosa dos Orarimogodóques de Merúri.

BIBLIOGRAFIA

- Albisetti et Venturelli, César e Angelo Jayme
1962 — Enciclopédia Bororo, I.
1969 — Enciclopédia Bororo, II. São Paulo
- Baldus, Herbert
1937 — Ensaio de Etnologia Brasileira "Brasiliana" vol. 101. São Paulo
- César, José Vicente
1969 — Os índios das nascentes do Rio Doce em Minas Gerais Actas y Memorias do 37º Congresso Internacional de Americanistas (Mar del Plata 1966). Buenos Aires
- Colbacchini et Albisetti, Antônio e César
1942 — Os Boróros Orientais (Orarimogodóque do Planalto Oriental do Mato Grosso). "Brasiliana", grande formato, vol. 4. São Paulo
- Fernandes Florestan
1946 — Tiago Marques Aipobureu: Um Bororo Marginal Revista do Arquivo Municipal (de São Paulo), vol. CVII (março/abril), pp. 7-29. São Paulo
- Lévi-Strauss, Claude
1957 — Tristes Trópicos Trad. Wilson Martins. São Paulo
1964 — Le cru et cuit — Mithologiques Paris 1965 (reimpressão)
- Saake, Guilherme
1953 — A Aculturação dos Bororos do Rio São Lourenço Trad. Egon Schaden. Revista de Antropologia, I, nº 1 (junho de 1953) São Paulo
- Schaden, Egon
1965 — Aculturação Indígena Revista de Antropologia, 13. S. Paulo
- Stähle, Vera-Dagny
1966 — Dorforganisation und Kulturwandel bei den Bororo Staden-Jahrbuch, 14 pp. 17-30. S. Paulo
- Steinen, Karl von den
1894 — Unter den Naturvölkern Zentra-Brasiliens (Berlin)
m. Trad. Egon Schaden, São Paulo 1940 (Rev. do Arq. Munic., 34 a 58)
- Viertler, Renate Brigitte
1976 — As Aldeias Bororo (Alguns Aspectos de Sua Organização Social) Col. Museu Paulista, Série de Etnologia, 2, São Paulo
- Waehneltdt, Rodolfo
1864 — Exploração da Província do Mato Grosso Revista do Inst. Hist. e Geogr. Brasileiro, XXVII, parte 1ª, pp. 193-229. Rio de Janeiro.



Fig. 1
Cacique Eugênio, da antiga geração.

Fig. 2
P. Rodolfo Lunkenbein, sacrificado em Merúri — 15
de julho de 1976





Fig. 3
Valdemiro, mestiço de mãe bororo e pai branco, armado para defender seu povo



Fig. 4
Bororos constróem nova aldeia a 12 km de Merúri — Mato Grosso



Fig. 5
Crianças — esperança de restauração da cultura bororo



Fig. 6
A forte presença xavante em Merúri



Fig. 7
Um bári cultuando os mortos



Fig. 8
Os sepultamentos realizam-se na nova aldeia

Xerocópias de cartas de Batista (pai) e M. Ângela (filha), bororos.

Dia 5 de Março de 1976 - 14 MAR 1976
C. S. C. de Jesus Mériuri

Envio esta pequena cartinha para
o Senhor querido Reverendíssimo
Padre Cesar Ókógeri-Ékúòda.
Eu e minha esposa e duas filhas
fiqueamos muito sentidos na aquele dia
que o P. saiu sem nos despedir do P.
mas si Deus quiser brevemente o P.
chegará aqui de novo e ficaremos
alegre de novo. e por favor de não
esquecer aquele pedido que fiz para o
P. que é um radio de mão si for
possível entregue para o P. Padre
Ochoa quando ele voltar do
Brasília. O Deus Nosso Senhor
que prolonga a vossa existencia.

Minha família manda muitas
saudações e lembranças.

O seu cunhado Bororo João Batista
apelido Homériu onome de clã é
Yákómeá-Ékúriú ANTHROPOS DO BRASIL
Em. 80, I, 1962: 103

21 MAR 1976

Caríssimo P. J. V. C.

ARTICULOS DO BRASIL

Saudações

Oi!! É com imensa saudades que eu lhe escrevo, P. Cesar como que vai as coisas por ai? Tudo bem? Espero que sim.

Amigo P. C. o Dr. se lembra aquele dia que tu viestes aqui? Eu fiquei radiante de alegria, inclusive eu iria lhe dizer varias coisas, mas me parecia que o Dr. estava de passagem tão apressado.

Eu fiquei tão sentida, mas bastante triste, triste de verdade, porque tu fostes embora sem que eu me despedisse do Dr. Por isso eu aproveito esta oportunidade para me comunicar o que eu iria lhe dizer.

Olha!! P. Cesar por especial favor sera que o Dr não poderia me ajudar? Eu queria passar estes 2 ou 3 meses ai em Brasilia. Por acaso não haveria lugar para ^{me} abrigar?

Pois aqui eu não me sinto pessoa e nem me sinto alegre infelizmente não: Me parece que eu estou sendo a causa das dores de cabeça dos outros, tenho muitas contrariedade comigo. Já não aguento mais, por isso eu peço este teu favor antes que algo mais aconteça.

Amigo eu acho que eu sou de uma geração autentica, quase que ja não me sinto aquele índio dos anos atras tenho outros ideais de gente que ~~se~~ raciocina.

ARTHRÓPODS DO BRASIL

P. Cesar eu quero ir para lá o quanto antes possível, se esta opinião lhe for agradável e se tu me ajudar eu sou muitíssima grata, se o Sr. escrever ao P. Diretor a respeito disso não diga que eu lhe havia escrito do sem? mas diga que o Sr. mesmo que quis, e fale para o Diretor falar para mim graças isto lhes fores favorável Ok!!

Mas se eu não for para Brasília de qual quer forma irei ir embora daqui deitheruni.

Por outro lado voltando ao terceiro paragrafo a mamãe estava junto de mim quando eu estava escrevendo esta carta e ela disse que era para mim dizer ao Sr. que ela também sentiu bastante a sua partida ela achou que o Sr. ia ficar mais alguns dias mas tu fostes embora de repente.

Aqui emitheruni nada de novidades, voltando a minha pessoa pela carta o Sr. já sabe o que eu quero e o que eu espero e também compreende o meu estado. Desculpe pela caligrafia e pelos alguns erros de Português.

Am!! mais uma coisa, se eu for para lá eu desejaria passear nos portos indígenas.

Amigo o Sr. vai pensar que isto tudo é uma ilusão mais nada disso, um dia irei realizar tudo isto se Deus quiser. Terminando mando-lhe as minhas saudações e a da minha mãe, por mais uma vez desculpe-me se a carta foi longa

A paz de Cristo

Maria Angéla